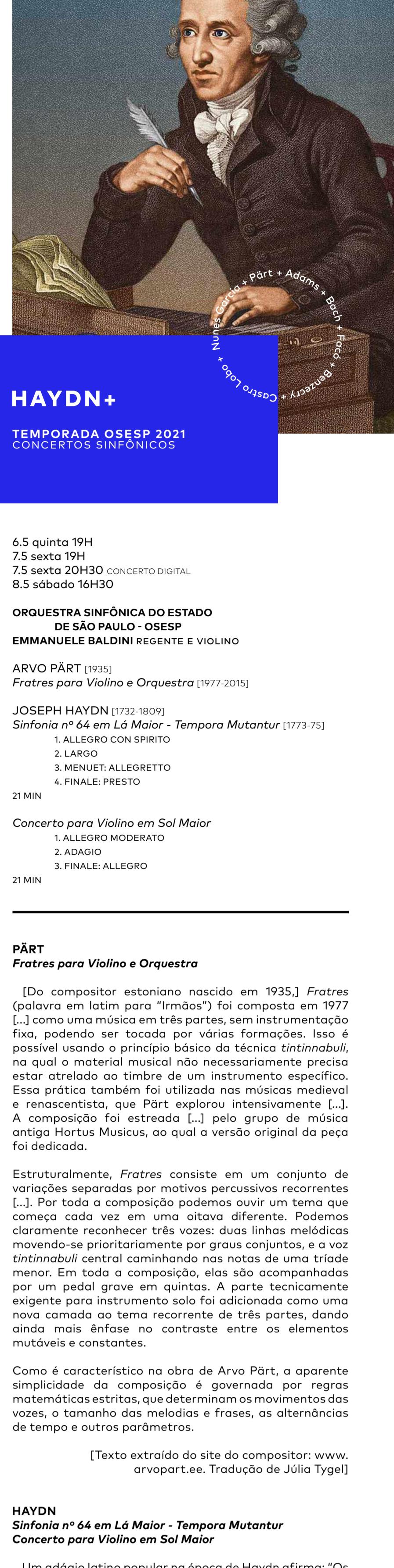


**M A I 6 , 7
e
8**



HAYDN +

TEMPORADA OSESP 2021
CONCERTOS SINFÔNICOS

6.5 quinta 19H
7.5 sexta 19H
7.5 sexta 20H30 CONCERTO DIGITAL
8.5 sábado 16H30

**ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO
DE SÃO PAULO - OSESP**
EMMANUELE BALDINI REGENTE E VIOLINO

ARVO PÄRT [1935]
Fratres para Violino e Orquestra [1977-2015]

JOSEPH HAYDN [1732-1809]
Sinfonia nº 64 em Lá Maior - Tempora Mutantur [1773-75]

1. ALLEGRO CON SPIRITO
2. LARGO
3. MENUET: ALLEGRETTO
4. FINALE: PRESTO

21 MIN

Concerto para Violino em Sol Maior

1. ALLEGRO MODERATO
2. ADAGIO
3. FINALE: ALLEGRO

21 MIN

PÄRT

Fratres para Violino e Orquestra

[Do compositor estoniano nascido em 1935,] *Fratres* (palavra em latim para "irmãos") foi composta em 1977 [...] como uma música em três partes, sem instrumentação fixa, podendo ser tocada por várias formações. Isso é possível usando o princípio básico da técnica *tintinnabuli*, na qual o material musical não necessariamente precisa estar atrelado ao timbre de um instrumento específico. Essa prática também foi utilizada nas músicas medieval e renascentista, que Pärt explorou intensivamente [...]. A composição foi estreada [...] pelo grupo de música antiga Hortus Musicus, ao qual a versão original da peça foi dedicada.

Estruturalmente, *Fratres* consiste em um conjunto de variações separadas por motivos percussivos recorrentes [...]. Por toda a composição podemos ouvir um tema que começa cada vez em uma oitava diferente. Podemos claramente reconhecer três vozes: duas linhas melódicas movendo-se prioritariamente por graus conjuntos, e a voz *tintinnabuli* central caminhando nas notas de uma tríade menor. Em toda a composição, elas são acompanhadas por um pedal grave em quintas. A parte tecnicamente exigente para instrumento solo foi adicionada como uma nova camada ao tema recorrente de três partes, dando ainda mais ênfase no contraste entre os elementos mutáveis e constantes.

Como é característico na obra de Arvo Pärt, a aparente simplicidade da composição é governada por regras matemáticas estritas, que determinam os movimentos das vozes, o tamanho das melodias e frases, as alternâncias de tempo e outros parâmetros.

[Texto extraído do site do compositor: www.arvopart.ee. Tradução de Júlia Tygel]

HAYDN

Sinfonia nº 64 em Lá Maior - Tempora Mutantur

Concerto para Violino em Sol Maior

Um adágio latino popular na época de Haydn afirma: "Os tempos mudam, e nós mudamos com eles. Como assim? Da mesma maneira como os tempos pioram, o homem também piora.". O compositor escolheu para nomear sua *Sinfonia nº 64* as primeiras palavras deste epígrama, que nos parece hoje estranhamente premonitório. Ao contrário do que se poderia esperar, porém, não se consegue distinguir na sinfonia uma pintura de palavras evidente, senão um clima geral de angustiante expectativa.

Escrita no período em que Haydn cristalizava a escrita elegante que viria a consagrá-lo, a sinfonia ainda traz sombras de seu estilo anterior, mais torturado e mais próximo das tradições barrocas. No início do primeiro movimento, uma melodia singela e lírica tenta se impor ao ouvido, sendo logo rudemente interrompida por uma explosão de som e paixão, com um desenho típico de final de frase. Novamente a ideia inicial tenta apontar o rumo do lirismo, mas a interrupção ocorre de novo e rouba o destino do movimento. A partir daí, o fraseado doce e evocativo vai ficando cada vez mais saturado de ansiedade e desassossego.

O segundo movimento foge totalmente às convenções clássicas e é bastante perturbador: lento e solene, parece não ter uma pulsação definida, o que lhe confere uma aura de assustadora instabilidade. O ouvinte se sente perdido em uma caverna, sem saber exatamente onde é a saída. Os raios de luz que lhe chegam vêm de várias direções e tornam quase impossível saber para onde se dirigir, ou mesmo ter certeza se haverá de fato uma saída. A forma musical é única, há várias pausas curtas que entrecortam os trechos mais eloquentes, como súplicas não respondidas, com cadências preparadas que não se resolvem ou são adiadas e frases que parecem não levar a lugar algum, criando um clima de impermanência, de desconfortável mutabilidade.

Talvez tanto nessa manipulação das expectativas do ouvinte em relação à forma padrão de movimentos lentos, quanto em sua capacidade de criar a imagem de um tempo que avança sem objetivo definido, esteja a explicação do título. Depois de uma passagem tão enigmática e desconcertante, o mundo parece entrar nos eixos com um minueto de forma e *aplomb* clássicos, cheio de delicadeza e polidez, ainda que não totalmente desprovido de peso ou preocupação. Mas aqui, o objetivo principal é cativar e envolver os sentidos.

O rondô *Finale*, também curto e gracioso, seduz pelo ritmo contagiante, pela energia que percorre todos os níveis, com frases diretas, cheias de contrastes de dinâmica e repetições que se entrelaçam, fazendo o material temático evocar os coriscos rápidos de uma tempestade de verão que prenunciam tempos melhores.

Em sua longa vida Haydn foi extremamente produtivo, tornando-se parâmetro de inúmeros compositores fundamentais para a história da música. Hoje se reconhece como sua maior contribuição o estabelecimento do quarteto de cordas e da sinfonia como os gêneros mais nobres da música de concerto. Nos concertos para instrumento solista, no entanto, Haydn foi menos criativo e se ateve aos padrões herdados do barroco. Ainda assim, seus concertos evidenciam uma habilidade incontestável no manejo do material musical, bem como uma fonte inesgotável de temas originais e perfeitamente equilibrados, desenvolvidos com graça e frescor.

Um exemplo de sua maestria neste tipo de obra é o *Concerto para Violino em Sol Maior*. Como não há manuscrito autógrafo, sua autoria já foi questionada, em parte por suas significativas diferenças em relação aos dois outros concertos de Haydn para violino que sobreviveram até nossos dias, ambos mais virtuosísticos e menos líricos. Atualmente, contudo, há consenso de que o concerto é de fato da sua lavra, ainda que pertencente à fase da juventude, quando ainda não era o compositor da corte dos Esterházy.

No primeiro movimento se misturam motivos delicados, profusamente ornamentados, que se entrelaçam como se brincasse de esconder, trocando perguntas e respostas vivazes e criando ímpeto rítmico cada vez maior. Como seria de se esperar, o movimento lento central é mais sério e íntimo. Ao alternar o modo maior e menor, tem seus momentos de flerte com a melancolia, mas não esquece jamais a alegria e a esperança. No movimento final, leve e brincalhão, é impossível permanecer indiferente ao espírito despreocupado que pervade a música e que convida ao otimismo.

O segundo movimento foge totalmente às convenções clássicas e é bastante perturbador: lento e solene, parece não ter uma pulsação definida, o que lhe confere uma aura de assustadora instabilidade. O ouvinte se sente perdido em uma caverna, sem saber exatamente onde é a saída. Os raios de luz que lhe chegam vêm de várias direções e tornam quase impossível saber para onde se dirigir, ou mesmo ter certeza se haverá de fato uma saída. A forma musical é única, há várias pausas curtas que entrecortam os trechos mais eloquentes, como súplicas não respondidas, com cadências preparadas que não se resolvem ou são adiadas e frases que parecem não levar a lugar algum, criando um clima de impermanência, de desconfortável mutabilidade.

Talvez tanto nessa manipulação das expectativas do ouvinte em relação à forma padrão de movimentos lentos, quanto em sua capacidade de criar a imagem de um tempo que avança sem objetivo definido, esteja a explicação do título. Depois de uma passagem tão enigmática e desconcertante, o mundo parece entrar nos eixos com um minueto de forma e *aplomb* clássicos, cheio de delicadeza e polidez, ainda que não totalmente desprovido de peso ou preocupação. Mas aqui, o objetivo principal é cativar e envolver os sentidos.

O rondô *Finale*, também curto e gracioso, seduz pelo ritmo contagiante, pela energia que percorre todos os níveis, com frases diretas, cheias de contrastes de dinâmica e repetições que se entrelaçam, fazendo o material temático evocar os coriscos rápidos de uma tempestade de verão que prenunciam tempos melhores.

Em sua longa vida Haydn foi extremamente produtivo, tornando-se parâmetro de inúmeros compositores fundamentais para a história da música. Hoje se reconhece como sua maior contribuição o estabelecimento do quarteto de cordas e da sinfonia como os gêneros mais nobres da música de concerto. Nos concertos para instrumento solista, no entanto, Haydn foi menos criativo e se ateve aos padrões herdados do barroco. Ainda assim, seus concertos evidenciam uma habilidade incontestável no manejo do material musical, bem como uma fonte inesgotável de temas originais e perfeitamente equilibrados, desenvolvidos com graça e frescor.

Um exemplo de sua maestria neste tipo de obra é o *Concerto para Violino em Sol Maior*. Como não há manuscrito autógrafo, sua autoria já foi questionada, em parte por suas significativas diferenças em relação aos dois outros concertos de Haydn para violino que sobreviveram até nossos dias, ambos mais virtuosísticos e menos líricos. Atualmente, contudo, há consenso de que o concerto é de fato da sua lavra, ainda que pertencente à fase da juventude, quando ainda não era o compositor da corte dos Esterházy.

No primeiro movimento se misturam motivos delicados, profusamente ornamentados, que se entrelaçam como se brincasse de esconder, trocando perguntas e respostas vivazes e criando ímpeto rítmico cada vez maior. Como seria de se esperar, o movimento lento central é mais sério e íntimo. Ao alternar o modo maior e menor, tem seus momentos de flerte com a melancolia, mas não esquece jamais a alegria e a esperança. No movimento final, leve e brincalhão, é impossível permanecer indiferente ao espírito despreocupado que pervade a música e que convida ao otimismo.

O segundo movimento foge totalmente às convenções clássicas e é bastante perturbador: lento e solene, parece não ter uma pulsação definida, o que lhe confere uma aura de assustadora instabilidade. O ouvinte se sente perdido em uma caverna, sem saber exatamente onde é a saída. Os raios de luz que lhe chegam vêm de várias direções e tornam quase impossível saber para onde se dirigir, ou mesmo ter certeza se haverá de fato uma saída. A forma musical é única, há várias pausas curtas que entrecortam os trechos mais eloquentes, como súplicas não respondidas, com cadências preparadas que não se resolvem ou são adiadas e frases que parecem não levar a lugar algum, criando um clima de impermanência, de desconfortável mutabilidade.

Talvez tanto nessa manipulação das expectativas do ouvinte em relação à forma padrão de movimentos lentos, quanto em sua capacidade de criar a imagem de um tempo que avança sem objetivo definido, esteja a explicação do título. Depois de uma passagem tão enigmática e desconcertante, o mundo parece entrar nos eixos com um minueto de forma e *aplomb* clássicos, cheio de delicadeza e polidez, ainda que não totalmente desprovido de peso ou preocupação. Mas aqui, o objetivo principal é cativar e envolver os sentidos.

O rondô *Finale*, também curto e gracioso, seduz pelo ritmo contagiante, pela energia que percorre todos os níveis, com frases diretas, cheias de contrastes de dinâmica e repetições que se entrelaçam, fazendo o material temático evocar os coriscos rápidos de uma tempestade de verão que prenunciam tempos melhores.

Em sua longa vida Haydn foi extremamente produtivo, tornando-se parâmetro de inúmeros compositores fundamentais para a história da música. Hoje se reconhece como sua maior contribuição o estabelecimento do quarteto de cordas e da sinfonia como os gêneros mais nobres da música de concerto. Nos concertos para instrumento solista, no entanto, Haydn foi menos criativo e se ateve aos padrões herdados do barroco. Ainda assim, seus concertos evidenciam uma habilidade incontestável no manejo do material musical, bem como uma fonte inesgotável de temas originais e perfeitamente equilibrados, desenvolvidos com graça e frescor.

Um exemplo de sua maestria neste tipo de obra é o *Concerto para Violino em Sol Maior*. Como não há manuscrito autógrafo, sua autoria já foi questionada, em parte por suas significativas diferenças em relação aos dois outros concertos de Haydn para violino que sobreviveram até nossos dias, ambos mais virtuosísticos e menos líricos. Atualmente, contudo, há consenso de que o concerto é de fato da sua lavra, ainda que pertencente à fase da juventude, quando ainda não era o compositor da corte dos Esterházy.

No primeiro movimento se misturam motivos delicados, profusamente ornamentados, que se entrelaçam como se brincasse de esconder, trocando perguntas e respostas vivazes e criando ímpeto rítmico cada vez maior. Como seria de se esperar, o movimento lento central é mais sério e íntimo. Ao alternar o modo maior e menor, tem seus momentos de flerte com a melancolia, mas não esquece jamais a alegria e a esperança. No movimento final, leve e brincalhão, é impossível permanecer indiferente ao espírito despreocupado que pervade a música e que convida ao otimismo.

O segundo movimento foge totalmente às convenções clássicas e é bastante perturbador: lento e solene, parece não ter uma pulsação definida, o que lhe confere uma aura de assustadora instabilidade. O ouvinte se sente perdido em uma caverna, sem saber exatamente onde é a saída. Os raios de luz que lhe chegam vêm de várias direções e tornam quase impossível saber para onde se dirigir, ou mesmo ter certeza se haverá de fato uma saída. A forma musical é única, há várias pausas curtas que entrecortam os trechos mais eloquentes, como súplicas não respondidas, com cadências preparadas que não se resolvem ou são adiadas e frases que parecem não levar a lugar algum, criando um clima de impermanência, de desconfortável mutabilidade.

Talvez tanto nessa manipulação das expectativas do ouvinte em relação à forma padrão de movimentos lentos, quanto em sua capacidade de criar a imagem de um tempo que avança sem objetivo definido, esteja a explicação do título. Depois de uma passagem tão enigmática e desconcertante, o mundo parece entrar nos eixos com um minueto de forma e *aplomb* clássicos, cheio de delicadeza e polidez, ainda que não totalmente desprovido de peso ou preocupação. Mas aqui, o objetivo principal é cativar e envolver os sentidos.

O rondô *Finale*, também curto e gracioso, seduz pelo ritmo contagiante, pela energia que percorre todos os níveis, com frases diretas, cheias de contrastes de dinâmica e repetições que se entrelaçam, fazendo o material temático evocar os coriscos rápidos de uma tempestade de verão que prenunciam tempos melhores.

Em sua longa vida Haydn foi extremamente produtivo, tornando-se parâmetro de inúmeros compositores fundamentais para a história da música. Hoje se reconhece como sua maior contribuição o estabelecimento do quarteto de cordas e da sinfonia como os gêneros mais nobres da música de concerto. Nos concertos para instrumento solista, no entanto, Haydn foi menos criativo e se ateve aos padrões herdados do barroco. Ainda assim, seus concertos evidenciam uma habilidade incontestável no manejo do material musical, bem como uma fonte inesgotável de temas originais e perfeitamente equilibrados, desenvolvidos com graça e frescor.

Um exemplo de sua maestria neste tipo de obra é o *Concerto para Violino em Sol Maior*. Como não há manuscrito autógrafo, sua autoria já foi questionada, em parte por suas significativas diferenças em relação aos dois outros concertos de Haydn para violino que sobreviveram até nossos dias, ambos mais virtuosísticos e menos líricos. Atualmente, contudo, há consenso de que o concerto é de fato da sua lavra, ainda que pertencente à fase da juventude, quando ainda não era o compositor da corte dos Esterházy.

No primeiro movimento se misturam motivos delicados, profusamente ornamentados, que se entrelaçam como se brincasse de esconder, trocando perguntas e respostas vivazes e criando ímpeto rítmico cada vez maior. Como seria de se esperar, o movimento lento central é mais sério e íntimo. Ao alternar o modo maior e menor, tem seus momentos de flerte com a melancolia, mas não esquece jamais a alegria e a esperança. No movimento final, leve e brincalhão, é impossível permanecer indiferente ao espírito despreocupado que pervade a música e que convida ao otimismo.

O segundo movimento foge totalmente às convenções clássicas e é bastante perturbador: lento e solene, parece não ter uma pulsação definida, o que lhe confere uma aura de assustadora instabilidade. O ouvinte se sente perdido em uma caverna, sem saber exatamente onde é a saída. Os raios de luz que lhe chegam vêm de várias direções e tornam quase impossível saber para onde se dirigir, ou mesmo ter certeza se haverá de fato uma saída. A forma musical é única, há várias pausas curtas que entrecortam os trechos mais eloquentes, como súplicas não respondidas, com cadências preparadas que não se resolvem ou são adiadas e frases que parecem não levar a lugar algum, criando um clima de impermanência, de desconfortável mutabilidade.

Talvez tanto nessa manipulação das expectativas do ouvinte em relação à forma padrão de movimentos lentos, quanto em sua capacidade de criar a imagem de um tempo que avança sem objetivo definido, esteja a explicação do título. Depois de uma passagem tão enigmática e desconcertante, o mundo parece entrar nos eixos com um minueto de forma e *aplomb* clássicos, cheio de delicadeza e polidez, ainda que não totalmente desprovido de peso ou preocupação. Mas aqui, o objetivo principal é cativar e envolver os sentidos.

O rondô *Finale*, também curto e gracioso, seduz pelo ritmo contagiante, pela energia que percorre todos os níveis, com frases diretas, cheias de contrastes de dinâmica e repetições que se entrelaçam, fazendo o material temático evocar os coriscos rápidos de uma tempestade de verão que prenunciam tempos melhores.

Em sua longa vida Haydn foi extremamente produtivo, tornando-se parâmetro de inúmeros compositores fundamentais para a história da música. Hoje se reconhece como sua maior contribuição o estabelecimento do quarteto de cordas e da sinfonia como os gêneros mais nobres da música de concerto. Nos concertos para instrumento solista, no entanto, Haydn foi menos criativo e se ateve aos padrões herdados do barroco. Ainda assim, seus concertos evidenciam uma habilidade incontestável no manejo do material musical, bem como uma fonte inesgotável de temas originais e perfeitamente equilibrados, desenvolvidos com graça e frescor.

Um exemplo de sua maestria neste tipo de obra é o *Concerto para Violino em Sol Maior*. Como não há manuscrito autógrafo, sua autoria já foi questionada, em parte por suas significativas diferenças em relação aos dois outros concertos de Haydn para violino que sobreviveram até nossos dias, ambos mais virtuosísticos e menos líricos. Atualmente, contudo, há consenso de que o concerto é de fato da sua lavra, ainda que pertencente à fase da juventude, quando ainda não era o compositor da corte dos Esterházy.

No primeiro movimento se misturam motivos delicados, profusamente ornamentados, que se entrelaçam como se brincasse de esconder, trocando perguntas e respostas vivazes e criando ímpeto rítmico cada vez maior. Como seria de se esperar, o movimento lento central é mais sério e íntimo. Ao alternar o modo maior e menor, tem seus momentos de flerte com a melancolia, mas não esquece jamais a alegria e a esperança. No movimento final, leve e brincalhão, é impossível permanecer indiferente ao espírito despreocupado que pervade a música e que convida ao otimismo.

O segundo movimento foge totalmente às convenções clássicas e é bastante perturbador: lento e solene, parece não ter uma pulsação definida, o que lhe confere uma aura de assustadora instabilidade. O ouvinte se sente perdido em uma caverna, sem saber exatamente onde é a saída. Os raios de luz que lhe chegam vêm de várias direções e tornam quase impossível saber para onde se dirigir, ou mesmo ter certeza se haverá de fato uma saída. A forma musical é única, há várias pausas curtas que entrecortam os trechos mais eloquentes, como súplicas não respondidas, com cadências preparadas que não se resolvem ou são adiadas e frases que parecem não levar a lugar algum, criando um clima de impermanência, de desconfortável mutabilidade.

Talvez tanto nessa manipulação das expectativas do ouvinte em relação à forma padrão de movimentos lentos, quanto em sua capacidade de criar a imagem de um tempo que avança sem objetivo definido, esteja a explicação do título. Depois de uma passagem tão enigmática e desconcertante, o mundo parece entrar nos eixos com um minueto de forma e *aplomb*